

suas obras? Tomaram o *Kitsch* como conteúdo de suas mensagens fazendo a arte erudita tomar consciência da nova linguagem que está se formando na sociedade de consumo, fenômeno universal.

É uma pena que Abraham Moles tenha se detido apenas descritivamente aos fenômenos estéticos do *Kitsch*.

MITIKO OTOFUJI

* * *

SOUZA (Roberto Antônio de Mello e). — *Mina R: narrativa*. São Paulo. Livraria Duas Cidades, 1973, 170 p.

Em meio às contribuições de caráter pessoal e profissional sobre a atuação da FEB na Segunda Guerra Mundial, e que vinham rareando já há alguns anos, surge a narrativa de Roberto Antônio de Mello e Souza, cabo de um pelotão de minas, evocando experiências vividas nos campos italianos.

“... Umás minas estavam aparecendo na flor do chão — o vento tinha varrido a terra seca de cima delas — e o que se via eram quatro ou cinco, com certeza do começo do campo. As tampas amarelas...”.

Anotando tranquilamente o que lhe passa pela memória, Mello e Souza vai “falando” despreocupadamente de tudo o que se lembra, colocando aqui e ali, em meio aos seus próprios sentimentos, os companheiros ainda suficientemente vivos em sua mente, tanto os que voltaram, como aqueles que permaneceram na Itália.

Se preocupação houve na transcrição de suas recordações, certamente não o preocupou o estilo literário, mas muito mais, a sinceridade na descrição local, em meio às lutas com o inimigo separado pela “terra de ninguém”.

“... Era um dia bonito ainda de manhã, fim de abril sem chuva, o tempo firme o céu muito azul por igual, poucas nuvens mas bem brancas, e naquele lugar, afundado no meio das montanhas, o capim já estava brotado e tinha uns matos mais altos, florzinhas de todas as cores pelas colinas em volta e uma ou outra árvore só que muito machucadas. Muito machucadas as folhas verde-claro começando a sair dos galhos decepados a estilhaço e uma delas estava estourada pela raiz porque aquilo era terra-de-ninguem...”.

Utilizando termos bem seus, dentro de uma onomatopéia toda peculiar, o autor vai descrevendo pitorescamente a paisagem local, retornando às suas emoções da época da guerra, na incerteza diária da luta, e na expectativa da nova luta. Segue assim, num desencadeamento sem forma, sem métrica, sem

estética, sem preocupação. Foi escrevendo, foi falando aquilo que sentia, que lembrava e que em muitos pontos ainda doía.

“... Daí, empurrando a mão devagarzinho antes de mexer os joelhos toquei num arame... Com os dedos reconheci um ZZ. 35. Meti um dos meus pinos no furo e cortei o *trip wire*. Fui descendo a mão e encontrei outra *Schrapnel* que desarmeí também. Toquei em frente...”.

Dentro do emaranhado das sutilezas técnicas dos vários explosivos *Schu, S, Teler 42*, etc., cada tipo vai sendo apresentado aos soldados encarregados do seu desarmamento, esclarecendo suficientemente o leitor leigo, sem deixar de lado o enfoque técnico-militar.

Sem fazer de seu livro uma crônica da Segunda Grande Guerra, e nem mesmo tornar o pelotão do desarmamento de minas o fator fundamental da participação da FEB na Itália, *Mina R* fala dos problemas militares e pessoais em que se debatiam os pracinhas. Num relato simples mas firme, as angústias, ilusões e anseios são agilmente focalizados, dentro da repulsa pela guerra na saudade de casa e dos companheiros mortos, e do espírito de um dever a ser cumprido impessoalmente, com honra, com vigor.

Roberto Antônio de Mello e Souza trouxe latente por muitos anos estas lembranças, para apresenta-las agora, vivas e ainda quentes dos seus próprios sentimentos, como se nenhum tempo houvesse passado.

“... E aqueles nove dias na escola com seus amigos tão bons foi uma das melhores coisas que aconteceram naquela guerra cheia de maus momentos...”.

JOSÉ CARLOS VASCONCELLOS

* * *

*

FRANCIS (Paulo). — *Nixon X Macgovern: as duas Américas*. São Paulo. Livraria Francisco Alves. 170 pp.

Numa época em que os manipuladores das notícias reivindicam para si critérios tais como, neutralidade e objetividade jornalísticas, o livro de Paulo Francis aparece como uma ilha dentro deste vasto oceano de “comunicação”. Herdeiro de uma tradição bastante rara na imprensa brasileira, se coloca como um dos únicos polemistas profissionais que existem entre nós. Fiel ao extremo a essa técnica, adquirida como ele mesmo diz, através das leituras de Bernard Shaw, tenta dar a cada frase sua uma idéia nova, para chegar a um grau de complexidade próprio de qualquer estudo analítico de fatos. E não é pouca a sua contribuição em várias áreas do conhecimento. Seus assun-